

## **Debate sobre a conferência da Prof<sup>a</sup> Maria Clara Bingemer**

*Sintetizador: Murilo Guesser\**

---

\* Graduando do 2º ano de Teologia da FACASC.





## Debatedor: Pe. Ms. Pedro Paulo das Neves

**Pe. Pedro Paulo:** A presença de Maria Clara entre nós, sua própria apresentação, formação, já é um sinal dos frutos conciliares, é um sinal evidente de que o Espírito do Concílio está dando frutos, ainda que a dicotomia não seja de todo superada ainda. No ITESC, a questão dos leigos na graduação também teve seus dilemas. Como fazer com que o Concílio permaneça vivo com a base laical hoje? Como entender o ministério ordenado, dentro de uma Igreja toda servidora? Que caminho buscar para que a interpretação não acabe por ofuscar e até inibir o espírito do Concílio? Qual o lugar da Teologia no mundo secularizado, que se mostra apático às explicações teológicas, buscando reduzir a vida religiosa ao espaço do privado? A posição dos que dizem que o Concílio já passou, que já está superado... Como agir e atuar com esse movimento de retorno ao Concílio Vaticano I atingindo os seminários, volta ao latim, à liturgia pré-conciliar. Seria uma confusão eclesiológica na cabeça de todo esse povo?

**Maria Clara:** Hoje, de fato, existe na Igreja um grupo com saudades das cebolas do Egito. O pontificado de João Paulo II centrou-se num modelo de Igreja da Polônia, que não entendia a Igreja Latino-americana. Os hábitos e vestimentas eram marcas de sua cultura. Outro elemento: a vida religiosa sempre foi um orgulho da Igreja, foi de vanguarda, de mártires, a vida religiosa é uma força muito importante, mas houve uma retração da vida religiosa e um apoio muito forte à vida de alguns movimentos, Opus Dei, Legionários... João Paulo II achava que esses movimentos combateriam o secularismo latente no mundo. Tudo isso criou uma massa crítica e se juntou àqueles que já não estavam contentes desde o Concílio. O que acontece é que o Concílio trouxe uma certa democratização do sagrado, o padre não é mais um ser interplanetário. Na Europa da cortina de ferro fazia sentido um sinal externo, mas não é falta desses sinais que explica o esvaziamento das Igrejas. As pessoas saem por que não encontram na Igreja aquilo que estão buscando.

Há uma rede solidária que procura relações humanas e afetuosas, isso é essencial. Uma liturgia mais participada. O modelo pastoral parquial ainda é rural, é preciso pensar outros modelos. Não é usando uma batina que se irá congregar uma Igreja novamente. Essas diferenciações vão contra o sentido do cristianismo que visa integrar a todos em igualdade. A questão da homilia, por que sempre o padre? Leigos poderiam assumir funções assim... Essa nostalgia dos tempos de outrora que se



vem reforçando não é maioria dentro da Igreja. Não aceitar o Concílio, não integrá-lo ao modelo de Igreja contemporânea faz mal à Igreja como um todo. Os dados do censo mostram isso.

A questão da fidelidade presbiteral, o celibato. Padres e leigos devem trabalhar juntos, ter consciência de que a Igreja é nossa, de que é uma necessidade assumirmos a Igreja como nossa. Somos cidadãos plenos da Igreja, é dessa consciência que sairá a Igreja do futuro. Ministérios leigos são essenciais para a Vida da Igreja hoje. Somos responsáveis em construir a Igreja e em certas questões os leigos têm muito mais a falar, por viverem certas questões mais diretamente, p.ex., sexualidade, família e todas as consequências, inclusive os que buscarão cidadania na Igreja com dois papais, duas mães. A nova Ecclesologia não precisa de um terceiro Concílio, precisamos sim viver bem o que o Vaticano II buscou apresentar e ainda não se concretizou.

**Pe Valter:** Feliz colocação, quanto ao ministério dos leigos. Os ministérios leigos não são aceitos por um grupo da Igreja que tem o poder, que está na cúpula, para os quais esses ministérios são apenas tolerados. No último documento sobre os leigos, se diz que o leigo exerce o ministério “como suplência”, ou seja, não se valoriza o leigo, na dignidade do seu batismo. Ora, essa mentalidade precisa ser mudada. Veja-se a questão das leitoras na Igreja, não podem receber o ministério de acólito, leitor, etc. Isso anula a abertura conciliar.

**Maria Clara:** A Igreja hierárquica parece ter medo do leigo, medo de que este cause sombra à hierarquia... Quando há problemas, debates, fecham-se as portas. A solução é criar condições para que os leigos entrem nas estruturas da Igreja. No campo da Academia já está mudando. Pessoas leigas estão nas faculdades e lecionam. Na vida paroquial é mais problemático: tantas divisões, tantos pequenos ou grandes ciúmes. Como é importante buscar a unidade querida por Jesus!

**Pe Vitor:** O Concílio Vaticano II ainda é muito novo numa caminhada de 2000 anos. Sua recepção nos primeiros trinta anos foi calorosa, mas depois decaiu. Quem sabe agora neste jubileu, as novas gerações se encantem com o Concílio. Os leigos são homens e mulheres da Igreja presentes e atuantes na Igreja e são homens da Igreja presentes e atuantes no mundo. Ora, é significativa a presença dos leigos na Igreja, pois eles dão à Igreja um rosto menos clerical, uma vivência mais normal, mais povo de Deus, uma Igreja mais democrática, enquanto comunhão. Os leigos dão esse rosto para a Igreja. Os leigos têm muito a contribuir



na missão da anunciar e viver o Evangelho. A presença dos leigos no mundo: como entender a índole secular, quando falamos de Igreja do Brasil? Facilmente identifica-se a Igreja com os bispos, padres, religiosas. Leigos falando em nome da Igreja ainda é algo novo, facilmente visto com desconfiança. Ainda há muito medo do mundo, os leigos têm medo de estar no mundo e nele ser presença do Evangelho.

**Maria Clara:** Parece que o leigo sofre mais dentro das estruturas da Igreja, parece que a hierarquia se sente invadida, perdendo o seu terreno... O leigo também pode ser teólogo e atuar com propriedade dentro da Igreja. A Ação Católica tinha um pouco essa visão: JUC, JEC, os “braços da hierarquia” no mundo. É preciso resgatar o perfil laico e apostólico da Ação Católica, que priorizava isso.

**Gilson Siqueira Alves:** *A Apostolicam Actuositatem*, n. 2, fala da unidade da missão. Ao que nos parece, existe um embate, um conflito entre clero e laicato. Como superar esse conflito? Na pastoral é algo inclaro. A questão das identidades, para que a Igreja seja mais discípula, seja mais profética, mais sal da terra...

**Maria Clara:** É preciso ouvir os leigos. Infelizmente a formação presbiteral forma para falar, mandar, delegar. Não se pode ficar preso a isso, precisamos aprender a ouvir. Escutar-se de parte a parte, leigo ouve padre e vice-versa. Ter intimidade. A preocupação do poder é forte no clero, apesar da insistência de Jesus no serviço, mais que no poder.

**Pe Ney Brasil:** Na Igreja, percebe-se fortemente a presença feminina nos serviços pastorais, na vida comunitária. Para que essa presença aconteça também nas instâncias de decisão, para que as mulheres tenham mais vez e voz na Igreja, é preciso que elas estudem teologia. Aí está um caminho possível, e necessário, para chegarmos a uma unidade maior, inclusive mais de acordo com os avanços da presença feminina na sociedade.

**Silvia Togneri:** Maria é mãe da Igreja, mas as mulheres na Igreja são servas. A mulher não pode ser apenas serva, mas ser mãe. Muitas mulheres são as educadoras da fé, nos lares e nas comunidades. Como valorizar devidamente esse fato?

**Maria Clara:** É preciso acreditar em si. As mulheres precisam acreditar umas nas outras. Isso não é feminismo, um machismo às avessas. Os debates são antropológicos, não femininos ou masculinos. Maria como modelo dinâmico, não apenas do eterno feminino.



**Prof. Ramada:** Estamos vivendo a passagem de uma sociedade moderna diacrônica, para a pós-moderna, onde tudo acontece num mesmo instante, sincrônica. No mundo ortodoxo, a teologia é uma questão dos leigos, porque se considera que são os leigos, por estarem envolvidos no meio dos sinais dos tempos, que podem contribuir nesse sentido. O que fazer nesta pós-modernidade? Como repensar os sinais dos tempos num contexto sincrônico? Qual o papel dos leigos num mundo que se esgota num tempo líquido?

**Maria Clara:** Estamos no bojo da onda dessa passagem do moderno para o pós-moderno. Na teologia trabalhamos com a revelação na história, e numa história que se acaba já. A pós-modernidade construiu um novo panteão de ídolos, jogadores, astros midiáticos, etc. Precisamos suscitar os santos dos novos tempos. Aqueles que recolhem elementos da fé, da modernidade, como experiências de Deus. Resgatar essas pessoas, dar visibilidade. Experiências místicas fora da Instituição, mas dentro da História.